



**iel**  
Instituto  
Estadual  
do Livro



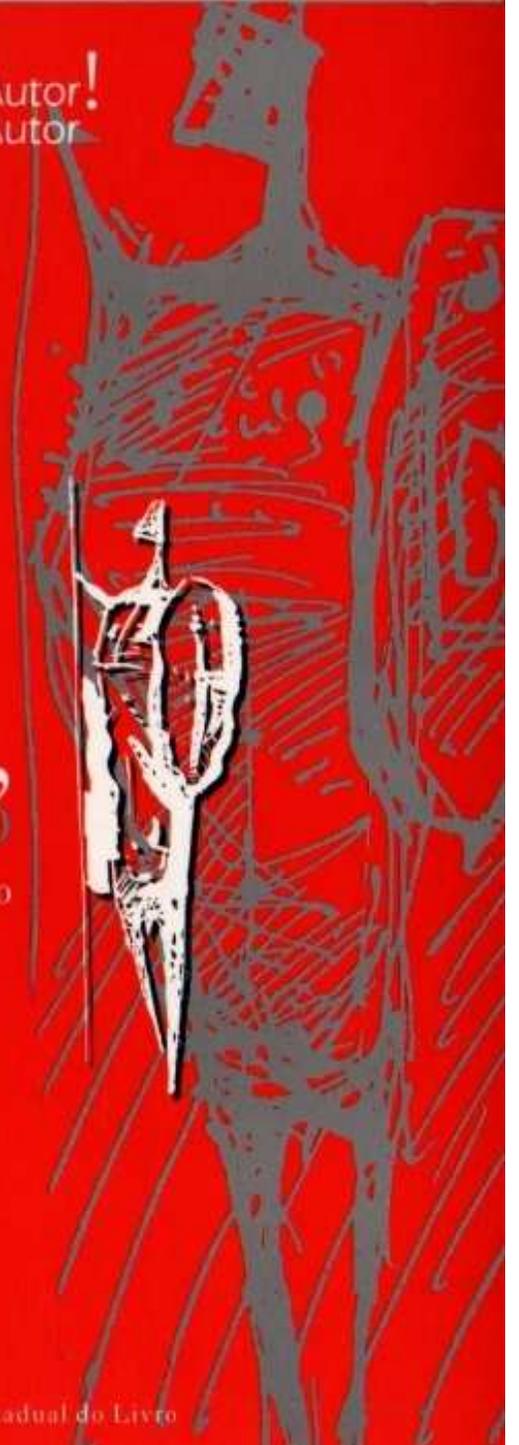
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
Secretaria de Cultura

Crisbal, o guetteiro Paulo Roberto do Carmo

Coleção  
**Autor!  
Autor!**

# Crisbal, o guetteiro

Paulo Roberto do Carmo



Instituto Estadual do Livro

Crisbal,  
o guerreiro

Paulo Roberto do Carmo

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
SECRETARIA DA CULTURA  
INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO

colecção  
Autor!  
Autor

CONSELHO EDITORIAL  
Arnaldo Campos, Cíntia Moscovich,  
Cláudio Levitan, Edgar Vasques, Ernani Ssó,  
Fabrício Carpinejar, Luís Augusto Fischer,  
Marô Barbieri, Ricardo Silvestrin,  
Sérgio Faraco, Tailor Diniz

# Crisbal, o guerreiro

Paulo Roberto do Carmo



INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO  
Rua André Puento, 318  
90035-150 – Porto Alegre RS  
Fones: (51) 3311.7311 / 3311.7299  
E-mail: iel@pro.via-rs.com.br

2ª edição

Ilustrações  
de Stockinger

COORDENAÇÃO EDITORIAL  
Claúdio Levitan

REVISÃO  
Adriana Condessa Ferreira  
Susana Dantas Guindani

PROJETO E EXECUÇÃO EDITORIAL  
Ana Cláudia Gruszynski  
Luis Carlos Rubina Thomaz  
Atelier Design Gráfico

## Sumário

7 /	NOTA EXPLICATIVA
8 /	APRESENTAÇÃO <i>Ruy Carlos Ostermann</i>
9 /	CRISBAL, OU PAULO ROBERTO DO CARMO GUERREIRO <i>Carlos Nejar</i>
11 /	CRISBAL, O GUEREIRO 1966
35 /	CRISBAL, O GUERREIRO 2002
83 /	RESUMO CRÍTICO

ISBN 85-7063-274-6

Carmo, Paulo Roberto do  
*Crisbal, o guerreiro / Paulo Roberto do Carmo. – 2. ed. rev. e  
ampl. – Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: CORAG, 2002.  
87p. (Autor! Autor!)*

1. Literatura brasileira – Poesia. 2. Literatura sul-rio-grandense  
Poesia. I. Título. II. Série.

CDU 869.0 (81)-1  
869.0 (816.5)-1

Bibliotecária: Jane Silveira Hessel CRB10/861

## *Nota explicativa*

Não permaneci imóvel, nem se vai mais longe ficando no mesmo lugar. Andei devagar, tentando transpor estas fronteiras, que viajam comigo. Por vergonha na cara, ou autocrítica, não tive coragem de voltar ao leito de um rio seco. Se errar é humano, disse Agostinho, perseverar no erro é diabólico, estou a mudar este meu rosto de antanho, mantendo em boa hora a mesma alma aguerrida, os mesmos espíritos desobedientes, só que mais exigentes nos desvãos da palavra, nas artes da desumilhação. Se os ventos nas minhas costas são os mesmos, outras são as estratégias para o mesmo destino. Se as raízes que engendraram o engajamento não desapareceram, os escritores é que se deixaram alienar com a renúncia política diante da miséria humana. Se é do ofício do poeta mover-se do que comove e provocar o que não existe, o provocado amiúde decepciona, não pelas intenções, mas pelas bandeiras panfletárias e pelos pés quebrados do poema, que resvalam nos campos de luta. De rosto nu, quase não os reconheço, os doze poemas suprimidos da edição original. Hoje uso metáforas mais explosivas por trás de máscaras, mas o fio da espada é mais cortante. Olhar o passado e tudo ver, torna-se tedioso, se não aprendemos a aprender da ingenuidade, dos feitos do arrependimento. É preciso seleccionar, não o joio do trigo, mas os que comem o trigo e nos deixam o joio. O que excita é laçar os cavalos do futuro para as cavalgadas de hoje, e desmontar dos burros de ontem. Se continuo a ser o bicho que sou, é porque aprendi com a natureza das águas, do fogo, dos ventos, dos humanos, dos ordálios cotidianos, o caminho das pedras. Os escolhos já desconfiam dessa loucura, e poucas vezes me derrubam. Aprendi a ser meu pequeno sol e levantar-me todos os dias, os que ainda me restam, e de setas e raios em riste mirar e disparar a palavra no coração do mesmo alvo comum a todos os mortais, os que sofrem calados, os de baixo que não se levantam, os humilhados que não revidam. Eis minhas esbodegadas explicações a meus raros leitores e à diretora do Instituto Estadual do Livro na ocasião, Cíntia Moscovich, que demonstrou inusitada competência política e editorial, autorizando o autor, nesta segunda edição, a remontar o livro com a supressão de alguns poemas e a inclusão de *Crisbal, o guerreiro*, versão de 1966 e versão 2002, com roupa nova, 36 anos depois da publicação original.

*O Autor*

## Apresentação

*Crisbal, o guerreiro*, com sua vocação antecipadora dos tempos que se inauguram na audácia dos jovens, é o livro de estréia do poeta Paulo Roberto do Carmo. Um dia, quase ao acaso, surgiram os originais em nossa mesa de trabalho. O ovo, a galáxia, o cogumelo atômico e, em alguma coisa ou em algum tempo prematuro, ali estava a pulsar uma força originária.

O poeta, de óculos, espreitava.

Era uma palavra grave, interposta à realidade comum, como uma raiz que fecundasse a terra de auroras e ressurgimentos. O único recurso diante dessa palavra era não desmerecer a altitude de fogo que ela propunha. Um gesto que não se pretendesse forte não lhe responderia.

Por isso, *Crisbal, o Guerreiro* tem o selo do Instituto Estadual do Livro.

Ruy Carlos Ostermann  
Porto Alegre, março de 1966

## *Crisbal, ou Paulo Roberto do Carmo Guerreiro*

Cada época tem suas chamas e cinzas. E o milagre da poesia é, entre chamas e cinzas, trazer a sua marca de permanência. *Crisbal, o guerreiro*, do gaúcho e universal Paulo Roberto do Carmo, veio à lume nos anos de chumbo da ditadura militar, e a sua releitura, trinta e seis anos depois, mostra quanto está vivo, lícido, com seus signos, ritmos, imagens, mitos e os subterrâneos do sonho e os sonhos do subterrâneo tempo que o engendrou. A espada endureceu, forjada com substância sombria e inflexível.

E é a mesma fidelidade com que o grande poeta, que é Paulo Roberto do Carmo, assumiu sua poesia: a de entrar em todas as guerras do homem, sua luz, penúria, grandeza. E vem comprovar que a crise é quando melhor se configura a transformação e a identidade. Se não há progresso em arte, na fluidez da visão, é inegável o progresso da consciência. E este livro é de vigília e sobressalto, trata de um período de medo e terror. E não se cala, falando pelos que se calaram. Com a liberdade que não descansa, enquanto não a deixam descansar.

Se para Humboldt, a linguagem é o poder da energia em perpétua mutação, Paulo Roberto do Carmo não temeu de testemunhar e suportar no seu canto a energia de uma linguagem humana e aguerrida. E se nos provoca hoje a mesma força que provocou, ao ser publicado, significa que tem o nosso rosto e nosso silêncio. Na versão de 1966, por exemplo: "João Medo / Desvalor de Homem, / Homem / Desvalor de Medo / Medo? Desomem de João! /". Na versão de 2002: "Muitas eram as armas / de coice calado e pólvora".

Uma versão continua a outra, o timbre é o mesmo. Diz Augusto Meyer, injustamente esquecido, que "nós nos lemos através dos livros". Mas os livros também precisam nos ler. Esse é o trabalho do tempo. E a poesia de Paulo Roberto do Carmo é feita de rasgos e elipses, facas e pedras; próxima da dor, dos carentes e humilhados, perto da rebeldia, composta com a matéria da insurreição, cheia de coices e pólvora, com a palavra, que é aço: ferrenha, atormentada de amor. E o Instituto Estadual do Livro – RS, através da escritora Cíntia Moscovich, dinâmica e sensível diretora, ao concretizar a presente reedição, faz justiça a esta poesia de agora, hoje e sempre.

Paiol da Aurora, 19 de fevereiro de 2002

Carlos Nejar

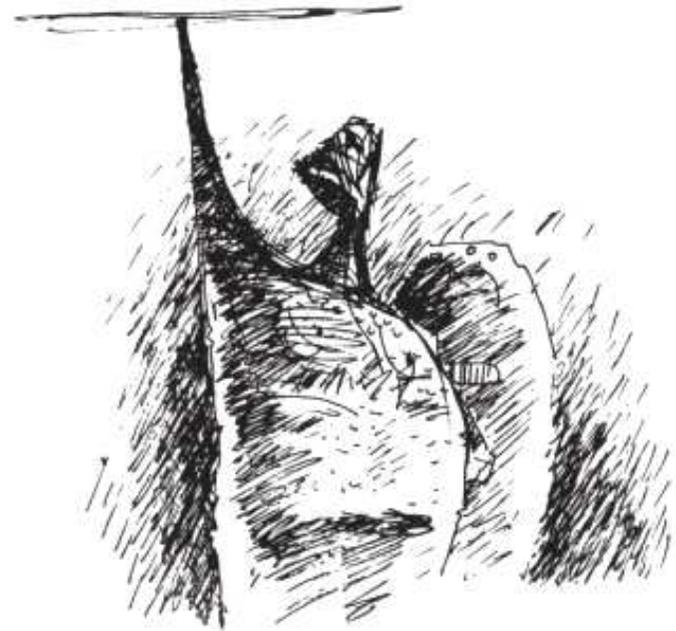
Da Academia Brasileira de Letras

# Crisbal, o guerreiro

1966



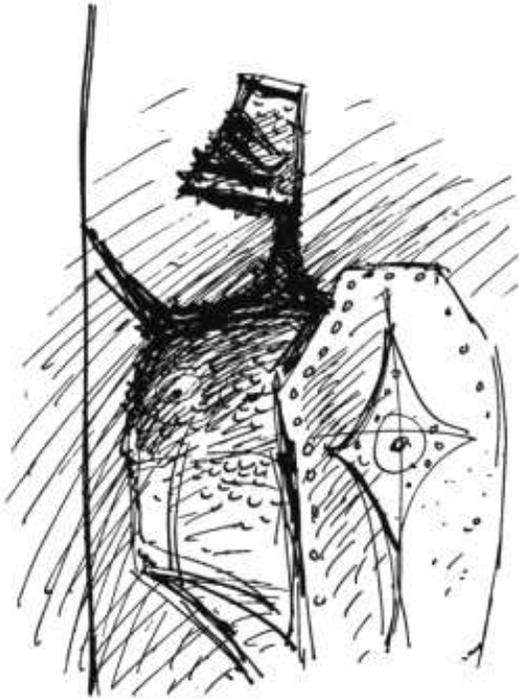
*O ato mais sublime de todos é  
edificar um outro para toda a gente.*  
Blake



Com o rondar dos crepúsculos,  
Crisbal cavava um templo no futuro  
E tecia de fúria e gozo  
Um esplendor,  
Uma obra viva,  
Um prodígio engendrado  
Meio-mulher, meio-deserto,  
Delfrio azul, carvão sagrado.  
Tempestade de lava, memória de dor.  
Sinfonia de asas batendo  
E palmeiras descerradas.

Obra bastarda, suas mãos moldavam orlas  
Na brasa quente, e ela refulgia viva e reta.  
A madrugada beirava os ócios passados  
E a coisa subia de sob fileiras de molas  
Em qualquer pátria,  
do fundo das camas  
E muitas eram as armas nas faces,  
Nos cérebros,  
Nos olhos.  
A guerra ia se erguendo diante dela,  
Na imensidade branca, mais perto do homem,  
No assalto à terra onde o operário olhava há séculos  
Com sua cara requeimada  
o herdeiro togado,  
O direito adquirido cravado na rocha dos castelos.

Coisa terrível é um homem louco de ressurreições.  
Como um infinito trancado na caixa dum relógio,  
Assim Crisbal,  
ferido pelos gritos roucos  
Da humanidade, rodopiava e estremecia  
Feito pavão bêbado.  
Já não discernia o tempo,  
o brinquedo morto.  
Apenas resplandecia,  
resplandecia  
O bom guerreiro.  
Buscava a forma de mudar a vida:  
O silêncio da palavra transformado em ato.  
Geração metamorfoseada em novo assombro,  
Nova canção, novo passo,  
Nova flor, novo mistério.



Crisbal pensa como um homem pensa,  
E expulsa as sombras

que envolvem em noite  
e sono

As feras, os deuses,

os sangues, os dementes.

Lá, todos os gatos são pardos.

Ali, todos os homens são mortos.

Aqui, ele ama como um homem ama:

A própria loucura.

Essas costelas magras suportam

o mundo

De pedra,

ave,

astro

e homem.

E gemem

e gemem

e gemem.

Meus amigos olham-me ébrios,

monstros,

duros,

E falam em coro "é outro Sísifo louco".





Mas sob o escudo resta-nos sempre uma saudade  
Como um bicho tremendo,

ou um cântaro vazio

De argila gemendo,  
E sempre a mão de estranha mulher  
Amassando em convulsão inútil – e nos abandonando.  
Agora sabemos que o medo é a coisa incerta,  
Murmúrio de prece

onde a aranha tece

A cortina que encerra  
A hora de o sonho erguer seu vôo.  
Deixa pois sigilosamente  
O amor penetrar teu bosque fantasmagórico,  
Despertar árvores dormidas,  
Contemplar a gravidez da linguagem,  
Presentir a arte enferma  
Dos teus passos convalescentes.



Como um homem que perdeu a sombra, tu,  
Tu és agônica saudade infantil –  
E o teu cérebro contemporâneo,  
    só olhos, retorcido, queima  
À luz medonha do real vivo  
    e ofega gemidos incandescentes.  
E o teu sexo em brasa,  
Cada vez mais ferido, mais anseia  
O mito noturno,  
    a sombra perdida,  
                                um real sendo mistério.  
Essa é a tua guerra (a nutriz humana):  
Ser mais que ser o mito, a sombra, o mistério.  
Quando o destino convocar o teu coração  
Na dissensão dos tempos  
Que o teu coração desabroche gargantas famélicas  
Para amanhecer  
    e alimentar  
                                e deslumbrar,  
E que o teu brado guerreiro  
Encerre toda a força dos cantos do mundo.









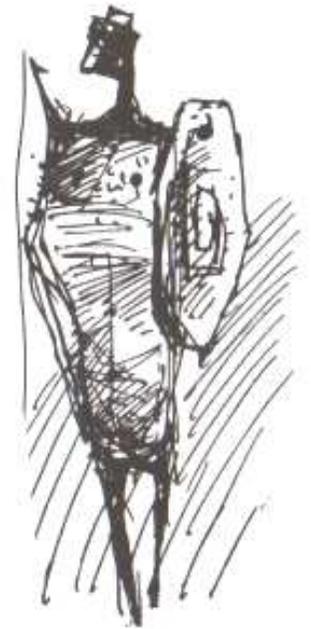
Então Crisbal gesticulou no caos  
Os olhos luminárias e  
estremeceu indignado!  
Que ser terrível segregaria  
a seiva pura  
Nascido de madrugada enlanguescida  
no amor entressonhado?  
E amaldiçoou as nossas vidas  
lançadas como dados  
Para o banquete das virgens sagazes  
Que não ousam delatar  
o nosso Destino encerrado  
Como se ignorássemos mais do que elas  
O segredo de mudar a Vida,  
Nós, os eleitos,  
que fundamos a sombra  
E nos iluminamos ao contato do orvalho  
Imemorial e masculino  
Que fecunda o Belo nos arcanos  
da flor matutina!  
Que outra força de amor  
enfurece a lava  
Em seu leito primitivo  
ao chamamento à Vida?

Toda a origem é o caos, eu, criador de claridades,  
Descerrei o planisfério e levei,  
Com meus punhos duros,  
Os corcéis da palavra.  
Procuro, ó morto, a linguagem da medusa,  
Que fala com as pedras  
– que transforma –  
A musicalidade das árvores evoluindo pelo mundo,  
Arrebatada pelos lábios do vento,  
E qual navegador solitário,  
Dissolvo o silêncio  
E planto meu destino  
em pântanos cotidianos.  
Que o meu coração,  
cavando ao pé do Grande Mistério,  
Em meio a tanta máscara dormida  
e tanto pranto  
e tanto grito,  
Vislumbre a criatura nua na terra  
Ali, sob os lençóis da existência,  
Ordenhando o seu próprio Destino.

É o momento maravilhoso da ternura  
Cheio de batimentos como um longo início previsível  
Pouco a pouco tornando milagre  
O amor revoando as patas inquietadoras,  
noturnamente,  
E como tudo fora gonços e peitos amordaçados  
Agora rugisse e brincasse  
Um bruxuleio de homem-fantástico,  
que ressurgiu.  
E como abandonara os sons das primeiras origens  
Alçando vôo na asa de estranhos sentimentos  
Visse nova realidade  
talhando os contornos da Amada.  
E a nascente dos seios aflorando de águas amargas  
A tão pura revelação que ninguém poderia reter  
Que não fosse o mesmo  
e espantoso passado.

Crisbal,  
o guerreiro

2002



Com o rondar dos crepúsculos

Crisbal cavava

um templo no futuro

e tecia

de fúria e gozo e clava

de um sonho em saltos

esperançado

uma obra viva

um prodígio engendrado

meio-mulher, meio-deserto

delírio azul, carvão sagrado

tempestade de neve

línguas de lava

memória de dor

sinfonia de asas batendo

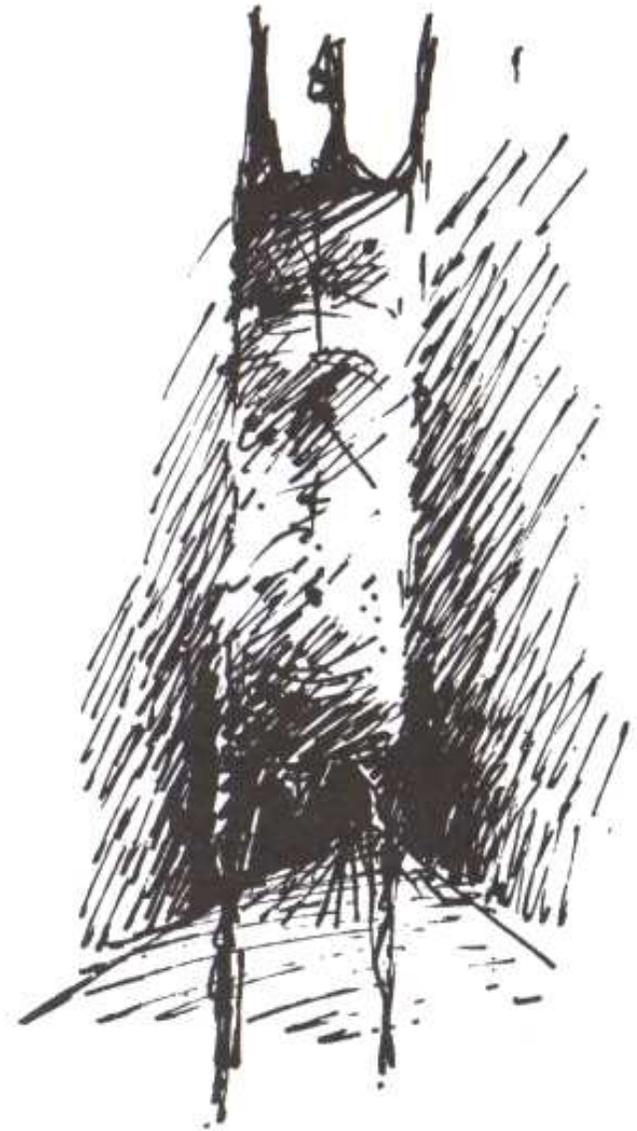
e palmeiras descerradas.

### Obra bastarda

suas mãos moldavam orlas  
nas brasas da alma  
e ela refulgia viva e reta  
a madrugada bordava e cerzia  
os ócios fruídos  
e a coisa subia  
de sob fileiras de molas  
em qualquer pátria  
da chama dos leitos  
e muitas eram as armas  
de coice calado e pólvora  
nos bosques do cérebro  
no veludo dos olhos.

### A guerra ia corvejando

diante dela  
na imensidão branca  
com suas lâminas de hibisco  
mais perto do homem  
o assalto à terra prometida  
onde o operário esperava  
e esperava durante séculos  
desde as pirâmides  
a cada antemanhã de penas  
e penas, como um réptil da fome,  
o herdeiro togado  
a vergonha nas cancelas  
sob os cascos  
do direito adquirido  
o ouro do suor alheio  
e o sonho agrilhado  
nos pelourinhos  
das casas de engenho.



Coisa terrível  
é um homem ungido pela insurreição  
coisa terrível  
é o homem a sonhar o revide  
enquanto conjura  
qual infinito a gemer  
nos prismas do astrolábio  
assim Crisbal  
ferido de sangue e privação  
andejava e estremecia  
feito pavão bêbedo  
já não discernia o tempo  
outrora do tempo presente  
o rouxinol morto  
o brinquedo perdido  
Crisbal só resplandecia  
resplandecia  
e urdia uma labareda  
o bom guerreiro.

Buscava o saber e o sabor  
de amalhar o pólen e o mel  
acima das chamas  
e contra o universo  
abocanhar as vidas multiversas  
as garras em riste  
contra o crime  
e imolar as culpas  
com o peito aberto  
à navalha da palavra  
a palavra alongada  
em braço e gesto  
e a esperança  
(a esperança que é o outro nome  
da morte, a morte não enterrada)  
a transbordar do sangue  
como quem engole em seco  
o escárnio da aldeia ultrajada  
e limpa a boca  
no sudário tecido  
com os teares da penúria.

### Enquanto seu cão albino

devora os restos  
de pequenos mendigos  
e grandes banqueiros  
Crisbal expulsa os germes  
da culpa e lava as mãos  
em águas de sedição e dor  
de lírios e orgulho.  
Crisbal espera e lampeja  
com suas lanternas  
de círios e óleos  
bebe o antes  
em taças de estranho êxtase  
e ergue o braço  
para colher o que vem  
depois da palavra  
e come as hóstias profanadas  
a maldição e a bênção  
de seu ofídio e subversivo ofício.

Quando todos os gatos são pardos  
e todos os sonhos são mortos  
em procissão de políticos  
com as ostentadas varas da lei  
ele ama como um homem ama:  
a própria loucura, e indaga  
sobre querubins e leões  
alquimistas e ordálios  
e casas de pedra lavrada  
a entoar algaravias  
cinzas de lágrimas  
entre indigentes e mágicos  
a levitar sobre algas  
e amoras, se o fruto é amargo ou doce  
ou se é feito a sonhar  
entre o desejo e o destino  
como dois corpos que fogem  
desabitados pelas paredes  
pelas escadas sem corredores,  
vociferantes, mas sem ouvidos  
para ouvir, o tédio movediço  
e surdo mal amanhece o desejo.

Estas costelas magras  
suportam a dor sem corpo  
não renegada ao amor  
e dançam entretecidas  
esbraseadas pelo desejo  
como caniços ao vento  
enquanto meus amigos  
contam dinheiros  
nos corações de bronze  
batem-me à porta  
a balbuciar em coro  
"é outro Sísifo louco".



É meus amigos entredevoram-se

como duas serpentes  
uma a engolir a outra  
pela cauda, e a vigiar-se  
na fereza dos olhos,  
entranhando-se anéis a dentro  
as escamas do sonho  
que ainda respiram  
como quem vê a vida  
passar em vão,  
os derradeiros atritos  
entre a gosma e o veneno  
os sibilos de línguas bífides  
o estertor dos guizos  
gozo e dor em contrações  
o extático turbilhão  
de hospedar um no outro  
a própria morte.

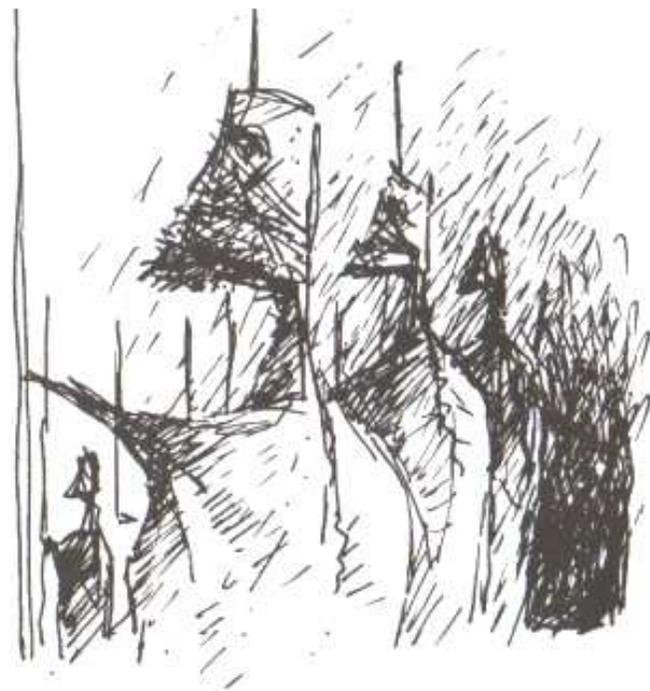
Inauguro-me a cada dia

como se nascesse amanhã  
a vida passada  
presente e quase futura  
descascada em gomos de romã  
como um pássaro sobre a presa  
as garras em suspenso  
de fome obsedante  
se atreve ao mergulho.  
Recolho-me sob o cinzel  
de minhas conjuras  
e meu silêncio a orvalhar-se  
é como um naufrago  
que esqueceu a palavra  
e soçobrou  
nas águas impuras da dúvida  
animal quieto e anfíbio  
a suportar-se, agarrado à vida  
que ainda resta  
como tábua de salvação.  
A solidão acenando flâmulas  
à esperança, e a lançar  
novos dados de luz.  
Enquanto isso, do sopro  
de um sonho frio, a morte  
espreita pelas bordas da sombra.

Onde o amor  
de sol e sonho e chama  
de folhagens entrecabertas  
como quem suga de si mesmo  
das chagas do coração  
das ventosas da carne  
as ofertas naturais  
que saltam do mundo  
quando se ama de um amor  
indomável, urbe ruidosa  
a povoar a solidão?  
Quem, se eu violasse  
as mordanças da Justiça,  
se precipitaria comigo  
de suas alcovas  
a reptar o sonho e suas evasivas  
cheio de furor  
e lança guerreira?

Por quem então  
soprar o revide  
ferir de vida  
esse poder imenso  
verter poesia em sangue  
se todos ordenham o leite  
de uma vaca morta?  
Escuta  
e eu falarei à tua loucura  
sem fim com esse canto invitatório  
o bagaço nas moendas  
dançando nos canaviais  
a brandir o sabre da palavra  
contra ti e para ti.  
É preciso levantar  
o homem pela mão  
e reunir o dia e a noite  
nas parcerias da alegria.

Acaso não sabemos  
Que os olhos da esperança  
nos fitam das trevas  
entre malárias e piratas  
para o século que vem chegando  
com seus estandartes  
de cobiça e cal?  
E que essa noite infantil  
gera o Anjo suportando  
com sua asa esquerda entre  
uma serpente submissa  
emplumada pelos afagos  
e a comunidade  
dos cordeiros  
bordados de lírios  
blindados de mel?



Agora desperta  
eis que lateja a guerra  
e o amor na terra  
a sangrar no meio dela  
e uma espada de gume  
longo na claridade:  
a minha solidão  
e a tua solidão  
tragadas pelas águas  
da mesma dor  
hão de levantar  
os bens-de-raiz  
as economias  
as fontes, as origens  
os valores expulsos.

Agora desperta, Crisbal,  
tu, criado à imagem e semelhança  
da argila desse estrume  
povoado de anjos  
corpo e alma dos dejetos dos outros,  
da graxa dessas engrenagens,  
mais perto dos deuses  
de onde viemos  
e para onde não iremos  
e nem nos deixaremos levar:  
eis que de conjuras e alegria  
tecemos, fio a fio a graça,  
o destino de ir por onde  
as esporas do sonho nos levam  
nos cavalos dessa manhã  
a morder nos flancos o desejo  
cheio de braços e pernas  
e o coração no lugar da boca.

Crisbal, desperta agora:  
eis que chegado é o futuro  
desde as coisas, desde o sangue,  
desde as mãos a sementeira  
de outra peleja, de outra batalha  
e desse benfazejo orvalho  
os frutos da vida  
hão de começar a jorrar  
e mesmo da agonia  
do último ventre insaciado  
o orgasmo de outros sonhos  
há de irrigar a terra e o dia,  
defendê-la como a leoa à sua cria.

O povo não é feito de fome ou lágrimas,  
mas de pão, espírito e caminho. O sonho  
a seu ofício, a puxar o carro do Destino,  
sem detença, senão diante das fontes  
da alegria, e ali demorar-se no coração.  
Eis o outro sonho, a investidura de outro ser,  
e nos limiares, de peito nu, a liberdade,  
a senha dos iniciados, as festas propiciatórias,  
o escambo do peixe, do vinho, as laranjas  
do tamanho de uma faminta aurora, e o povo  
em chamas, habitante do fazer nos estábulos  
da manhã, o povo a chamar-se em círculos,  
os braços carregados de coisas perseveradas,  
o povo a levantar-se ao chamado da própria voz  
e andar, andar em direção ao sol da tribo,  
que é feita de muitas tribos, como o bosque  
é feito de uma só árvore e muitas raízes  
entrelaçadas para o beijo entre seivas de verde-sangue.



Eis o povo, por herança

condenado a ser pisado  
e levantar-se do chão, pelas escadas do orgulho  
rasgar todos os tratados, os consensos do mal.  
Eis o povo a ouriçar-se como dos cardos ao vento  
a palavra-em-flor. Eis o povo a debulhar  
pela espada o trigo do tempo, que ora vibra  
dos feridos perfumes. Eis o povo, pelo levante  
hasteado dos punhos, como o fogo que se liberta,  
e mais cresce, a partilhar as fagulhas, de coração  
a coração, até gastar-se o círio dessa esperança  
que só amanhece a velar o que é morto, na dor  
desesperançada que sempre espera outra esperança  
à margem oposta de um rio que não existe.

## Agora despertas

e a boca da liberdade mostra os dentes  
sob os tambores do coração.  
Rasgas o silêncio.  
Explodem as armas longas do eco.  
Os desmandos do vento semeiam as seivas  
implumes da alegria,  
e batizas os caminhos que abres  
ao sonhar e andar e deixar rastros  
de elucidados mistérios  
desde os apriscos em que te aprisionam  
como cordeiro pelos alambrados  
corredores até o matadouro  
que por ti espera, de garfo e faca,  
à gula dos outros, aberto e exposto,  
de sangue e carne e alma  
à indignidade que se faz tamanha!  
Cada um escravo do outro de si mesmo.  
E sempre há de sobreviver do sonho  
de teu corpo a eternidade do povo  
no assalto à arena pública dos fervores,  
o povo contra o adverso, pedra  
sobre pedra, até abismar-te  
no olho do furacão  
contra os caminhos traçados.

Mas entre o escudo e a seta  
a espera, a danada da espera  
que se projeta nos interregnos  
e pende como o fruto a ser colhido,  
suspenso no ar, ou um tigre  
que talvez não se deixe amestrar,  
os abolidos instintos sob a carga  
de uma dor destilada, gota a gota,  
sob a pele da memória, a puxar  
para baixo. Eis que de repente  
amanhece. E, de joelhos, nos recessos,  
esta saudade, uma saudade a chafurdar  
na lama, a bracejar no vazio, sem pé,  
sem mãos, sem voz a que agarrar  
a palavra, uma saudade entre o começo  
e o fim e o nunca transido de esperas,  
como um bicho a tremer pelas frestas,  
no amassadouro da terra, como um bicho  
a gemer, cúmplice da névoa, a tatear  
as cinzas de uma saudade ausente de casa.

Toda saudade é um eco que rema  
em círculos para o fundo das águas  
do sonho, e emerge, desde o primeiro  
lume da madrugada, a boca cheia  
de palavras, os feitos, os afazeres,  
as promissões – e rema, rema e vai  
em busca da implorada saudade de outro  
humano, de ouvidos que ecoem o riso,  
a lágrima. É assim que o coração  
atura o ofício de expulsar o sangue,  
o trabalho dos batimentos. É assim  
o coração, ecoante chama úmida  
a remeter pelos gargalos de um  
cântaro os dardos desejantes de um  
outro nome, de um outro sonho  
a fecundar-se de muitas mãos ávidas  
por sobre os ombros de outro humano,  
nos apelos de estratégicas conjuras,  
levantadas para o mesmo Destino  
que se encilha como a uma estrela,  
como a um cavalo, e partimos  
nos ritmos do sangue, de pústula  
em pústula, para outra pátria  
de muitos desejos que nunca se fartam.

Mas é sempre outra coisa, a espera.

A saudade, oco engano, e das migalhas  
o abandono, o silêncio, como um tubarão  
a rondar o rumor do sangue, e da náusea  
das palavras abortadas eis que acena  
a mão, a naja dos olhos de estranha  
mulher, e um botão de seio a debruçar-se  
da varanda esquerda, simulado e felino,  
rosa a seduzir-te, deixando apenas  
dos perfumes o rastro, os langores  
de um sonho carnal, os primeiros galopes  
de um orgasmo anunciado, a dançar  
na ventania entre pirilampos e pólenes  
e a flor que se abre chamando a alegria  
de suas pétalas por entre línguas de sol.  
E o sangue nos trepadouros do corpo  
escoiceando-nos o ventre pela força  
da fome de todos os elementos, rumo à foz,  
rumo às comportas que não se pode explodir.  
Flor de cardo entre a esperança e o nada  
(que é outra esperança), a deixar-nos levar  
pelas correntes, morremos de saudade, e tudo  
o que resta é a espera, sempre a espera  
sob a fria sombra duma nuvem qualquer,  
inviolável como o tempo futuro, e como  
o espírito, que não se deixa ferir por nossos  
pobres punhos, por nossas pobres palavras.

Agora sabemos que o medo  
é a delação dos submissos  
a culpa antes do delito  
o turvo, o sem peso nem cor  
o desterro, murmúrio de prece  
orgulho menos que dor  
onde a aranha tece  
de suas vísceras a hora  
possessiva e breve  
de o sonho erguer o salto  
e começar o dia, e sem pudor  
o desejo mais que febre  
morde a maçã vermelha-de-alma  
é a vida que se desprende  
e rasga o ar a claridade

da própria pele  
e fere o instante a fome  
que insiste insiste dentro dela  
é quando depois pelos flancos  
os deuses persuasivos  
os deuses incessantes  
engolem a comida dos outros  
e nos debruçamos na janela da manhã  
para ouvir dentre as teias soltas  
da névoa o gemido das coisas  
os sismos, as lavas, os gritos  
de eva, possuída e louca,  
o amor que não acaba e pede mais  
sem a culpa depois dos delitos.

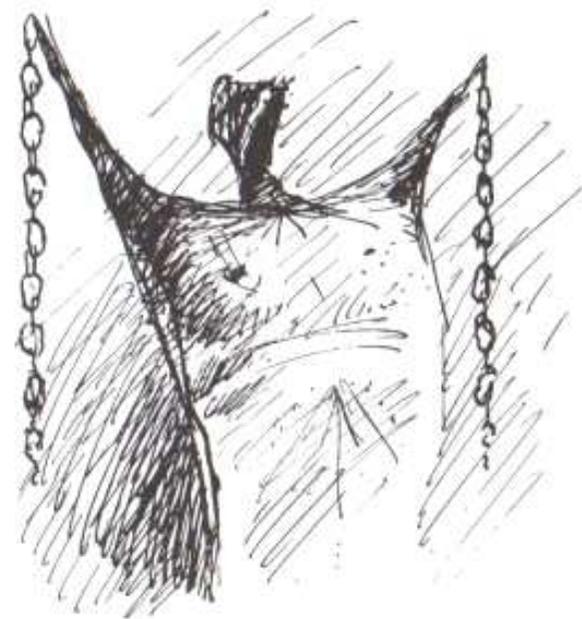
Deixa pois sigilosamente

o amor provar o inferno  
morto por viver  
antes do paraíso  
vergar o sonho, as carnes,  
dilacerar o desejo  
o tendido amor  
que tudo é ávida mudança  
de ganhar outra vida  
e rir das cicatrizes  
quando  
a solidão encontra o sol.  
E basta de esperas, esperas  
feito serpente dormida  
retorcida seta  
de envenenado amor.

Basta de esperas. Basta de esperas.

De fingidos sonos de árvores caídas  
é que o fruto não se apartará, nem  
tua fome ele há de saciar. A mover-te  
no assalto a ermidas proibidas,  
como quem fustiga a harmonia  
do mal de entre bosques sagrados,  
a pisar forte com tuas botas  
profanas, é que perderás  
os fantasmas da inocência  
e verás, quase morto,  
a vida outrar-se  
o tempo todo, o sopra todo  
como se o sonho não se cunhasse  
em sombras mas em moedas  
tintilantes de sol.  
Mesmo de rastos, no escuro,  
feito presa em palpos  
de duras tenazes, que te sugam,  
te cobrem de cuspidas peçonhas,  
verás, com a alma em chagas,  
a vida outrar-se.

Eis a vida, os pressentidos  
da alegria, tudo o que se emprenha,  
o pão, o cheiro do café,  
a inocência do futuro,  
as manhãs boas, as tardes néscias:  
e que a vida se alforrie  
de tantas fomes, de tantas mortes  
de rir depois das cicatrizes  
antes de o sol se pôr  
à demência da noite  
e se reconcilie com as vinhas  
da palavra, ébria na sinfonia dos ventos,  
na cizânia do corpo e da alma  
como duas metades da mesma laranja  
que se libertam, e respiram pelo fogo  
e pelo ar, pela seiva que espuma  
da lenha a arder, pelas cinzas,  
pelas sementes que voam.



É quando as falas contidas do desejo,  
e enfunadas no peito, sob os tambores  
se desfraldam por um sonho conquistado.  
É quando tua loucura começa a ser feliz  
pela vez primeira, e a vida está fora  
de ti. É quando aprendes que a fome  
que te sustenta é pão e destino  
de teus inúmeros espíritos,  
e anda, a fome, em alvoroço e descalça,  
sobre as águas de tua alma.

## Sempre há de regressar ao Sol

o amor –  
ou enfunar barcos e risos  
o amor –  
tanger andarilhos desejos  
o amor –  
respirar a alma da chuva  
o amor –  
ou cristalizar a lágrima no ar  
o amor –  
porque, cedo ou tarde, a terra  
à medida do que arde  
nos arroja ubiquamente  
do ventre prodigioso das raízes  
que se levantam só para fora  
mesmo contra o peso do meu nome  
mesmo quando o forçado lava a ferida  
o amor –

## Lavradores de origens

retornamos  
ao ferro e ao fogo  
à água, ao sal, à cinza  
e rolamos contra o sonho  
a pedra do caminho.  
Subitamente  
quase morto por viver  
convocamos uma lembrança  
roubada à infância  
quase sobrevivente  
como um bicho ensimesmado  
quase agônico  
e enchemos o peito  
de algas e sacrifícios  
de futuros e sortilégios  
sem medo do que será  
o dia arrancado à loucura.

Talvez essa mão solene  
erguendo o braço ampare o sonho  
e leve apelos ao teu coração  
e teu coração, de ser contente,  
se deixe cair e rolar, lado a lado,  
aonde todos os outros a sós estão  
e mirar para um destino qualquer  
e que, eleito, teu destino  
por dentro da alma  
e por fora do corpo  
seja um cortejo de enxadas,  
de foices, de sabores, de forjas  
que o amor atija para diante,  
para os dias todos de pão,

e que teu destino seja um ministério  
que faça enterrar os insultos  
que faça levantar pontes  
para sempre cruzadas por milícias  
delirantes de palavras e anjos futuros.  
E que o teu destino seja um animal  
de instintos a cantar em conjuras  
e namoros a curta vida de tanta dor  
nas pousadas aves de arribação  
que chegam da ventania e da fome  
e dançam em qualquer ravina,  
ao abrigo entre os filhos do coração.

Como um homem que perdeu a sombra  
e selou as portas do coração  
tu és agônica saudade  
da casa do pai  
da varanda do amigo  
e teu desejo incontido  
(só olhos e vespas)  
desnuda a alma do corpo  
e o que mais buscas violar,  
o medo, é o que te salva  
quando a ousadia é pródiga  
com a mesma fome do cão cego  
a roer ossos e remorso  
com o mesmo fervor  
do sol, da serpente, da flor.  
E só precisas de uma côdea de sonho,  
o pão da loucura e de mais nada.

## É teu sexo

tocado pelas mãos do poema  
o sol nas asas do Anjo futuro  
cada vez mais ferido  
mais ordenha os juro  
as bezerras de ouro  
o ordálio pelas culpas  
a sombra perdida  
onde escondes a dor e o revide  
e a esperança prostituída.  
Essa é a tua guerra  
de penúria e privação  
ungida por um falso deus  
a reinar sem vassalos;  
ser mais que o mito  
a sombra, a esperança,  
de tuas vísceras  
assomar no horizonte  
depois de cada colheita  
depois de cada abraço  
depois de cada fronteira  
a vida que viaja contigo  
sem tempo de atar os sapatos.

## Quando o Destino

convocar o teu coração  
na dissensão dos tempos  
que o teu coração se amotine  
desperte os bufos mais desobedientes  
os emparedados, os famintos  
de pão, de espírito, de vinho  
e dancem ao pé das palavras  
que cantam a alegria, a liberdade,  
todos os frutos do mundo  
como abscessos em rebentação.  
Que o teu coração seja todo revide  
todo o sangue do mundo  
como hélices que sonham  
e levantam do chão  
os pisados, os que se agacham  
e que tua espada se acenda  
como barcos na madrugada  
as redes iluminadas  
pelos peixes da palavra  
a palavra que resvala  
na escuridão, a palavra  
a palavra num só espasmo  
de insubmissão, não consentida  
pelas confrarias reinantes.

## Assim a solidão do homem

mergulha amadurecida  
metal fundente  
sob as peles da memória  
e fere o ventre  
com a palavra que gera o sol  
e fecunda a vida.  
Dos estremunhos da madrugada,  
das salivas propiciatórias  
do desejo, já divisamos  
o assombro em marcha  
para o teu despertar  
e de súbito não reencontras  
as cores, os ruídos, o calor  
as formas de antigamente  
e te escondes sob a pedra  
do caminho como uma vergonha.  
E o teu próprio nome é outro  
nome de outro corpo  
de outro homem  
pois outra é a linguagem.  
Abandonas a casa de repente,  
o derradeiro gesto de adeus,  
e antecipas o êxtase da viagem.

### Canto imenso a ressurreição

sob o tremor dos pressentimentos  
canto firme o operário do homem  
anjos e mendigos em confraria  
cavam oficinas com suas mãos miúdas  
anda confuso o mundo e tudo falta  
um Destino que talhasse o torso  
vivo da palavra, as alegrias  
assim expandidas como os pássaros  
no ar ou o sonho ou um cão estouvado  
porém a guerra deixa de mais belo  
o sol e a morte, de boca escancarada  
como esterco da natureza, que busca  
e sempre encontre umas coisas  
que vivem de outras coisas  
que morrem.

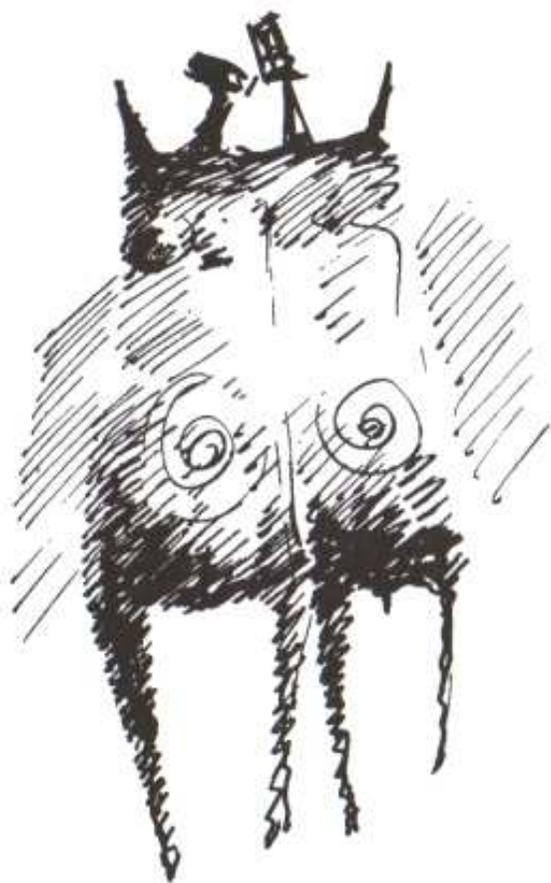
Pressinto vou ficando mais forte  
mundíssimo e provindouro  
como um fugitivo diante  
dos deuses aqui do quintal.

### O povo celebra o dia

ressuscita o Ser em chamas  
ao pé do júbilo e se anima  
pedra esbraseada, a lavra  
em ti, a mover os fusos  
no ventre da linguagem  
como sonho que se anela  
das mãos e salta de ti  
ora se eleva, úmida raiz  
e cresce, fruto aberto  
do tempo terrível  
em que um anjo madrugador  
velava o sono das palavras  
e desperta, que eu falo  
com a voz de todos  
e todos falam por mim  
escudo da mesma forja  
espada da mesma rosa.

Eu canto o compromisso da terra  
dissolvo tanta voz mal-afogada  
e desperto o anjo como um cão  
disparado num ganido, o de potros  
na quilha do verbo prestes a navegar  
o de carranca rude no mar da fatalidade.  
O sem-medo, o sem-passado, o condoído,  
o que vive moído e passageiro  
nas alcatéias, o que faz das ervas  
floresta, o andarilho de ócios pelas ruas,  
o condenado a varrer as carnes  
da memória, o que espanta as trevas.  
Que eu tome o bordão  
espanque a esperança sonolenta  
por terra e mar, por uma palavra  
que se levante e recrie o futuro  
que já vimos tanta gente de joelhos  
agonizar enquanto desespera de esperar.

Então Crisbal gesticulou no caos  
os olhos flamejantes de revides  
e estremeceu de indignação.  
Que ser terrível segregaria  
a selva mais pura  
de madrugada parida  
dentre enlanguescidos  
amores entressonhados?  
E amaldiçoou nossas vidas  
lançadas como dados  
para o banquete dos endinheirados  
que não ousam delatar o insuportável  
o nosso destino de joelhos  
como se ignorássemos mais do que eles  
as senhas de mudar a Vida  
nós, os eleitos pelos elementos,  
que fundamos o sol e a sombra  
e nos iluminamos ao contato do orvalho  
imemorial e masculino e feminino  
que fecunda da transgressão os orgasmos  
nos arcanos da flor matutina.  
Que outra força de amor  
enfurece a lava  
o levante de seu primitivo leito  
ao chamado da Vida,  
essa dor que nos liberta?



Toda a origem é o caos  
eu, criador de claridades  
calço as botas, limpo o cão da arma  
e vou, com meus punhos irados  
desembestar os cavalos da palavra.  
Procuro, ó morto, a linguagem  
que fala como a pedra cala  
a sinfonia das árvores e dos sapos  
a alegria estouvada dos ventos  
que nunca se deixam prender  
nem deitar ou dormir  
sem começo nem fim.  
E qual navegador solitário  
planto meu destino  
em mares cotidianos  
e colho a loucura dos deuses.  
Que o coração do homem  
cavando ao pé das pequenas mortes  
as horas bufas que nos levam em cambalhotas  
de entre tantas máscaras dormidas  
e tanto pranto e tanto sangue e tanto grito  
vislumbre alguma criatura nua na terra  
ali, sob os lençóis, a ordenhar o Destino.

É o momento mais esperado  
a desobediência  
cheia de batimentos  
como um longo início previsível  
pouco a pouco e simples  
como respirar até doer  
o amor a revoar as patas  
o coração, e como tudo fora gonços  
e peitos amordaçados  
agora rugisse e brincasse  
e como abandonara pelas frestas  
da alma a dor das primeiras origens  
alçando vôo pelos vãos da carne  
visse outro sonho, outra pedra  
a tallar os contornos da Amada  
e dos cinzéis a nascente dos seios  
aflorando da foz, em borbotões,  
a revelação que ninguém ousaria  
reter que não fosse o mesmo  
e transparente passado, e claro como água.

Valere aude



## Resumo crítico

(...) O que fascina em teu livro é, justamente, esta necessidade misteriosa das palavras, e elas adquirem a dimensão dos mistérios revelados quando sentimos sua carnalidade viril.

*Crisbal, o guerreiro* foi antes esculpido do que escrito. Sentimos em cada página o trabalho sobre o material que opõe resistência na plasmagem de um mundo das coisas, e jamais a plasmagem fácil e dúctil do mundo das idéias e das palavras vazias. E a grandeza de teu guerreiro está nesta existência carnal, quase férrea, que lhe dá materialidade. Encontramo-nos diante de um verdadeiro poeta, que negando a facilidade da palavra, procura em sua aspereza a criação de um mundo. (...) Pois é bom ter sempre consciente que não existe senão a justiça, a injustiça foi inventada pelo homem. E aos que falarem em apaziguamento, responde como Cristo no maravilhoso evangelho de São João: "Não vim trazer a paz, mas atear o fogo da luta".

Jefferson Barros  
Correio do Povo, 31/5/66

*Crisbal, o guerreiro* é um momento de consciência na poesia brasileira. É o grito agudo de um tempo feito loucura. É a ânsia realizada do poeta que habita o espaço do mundo moderno, que escuta a ameaça do seu tempo e busca nas cinzas do desvalor o barro inventivo do herói. Em *Crisbal*, o homem renasce, respira e supera. E a possibilidade de vitória surge como necessidade imperiosa. Porque ele é despojado e fantasmal, mas é real e olímpico, pois escuta as pulsações do mundo. Porque constrói o mundo, reinaugura o sentido e reinventa a razão. *Crisbal* é o renascimento do homem vertical e a sua reabilitação: busca na luta, não a idéia, mas o ato da dimensão do homem. Ele aproxima o homem do homem, desperta a sua consciência e faz brotar uma postura épica da própria condição da sua tragédia. Isso porque propõe a luta como medida do homem moderno. (...) *Crisbal* é a certeza e a confiança na vitória do homem, longe das nuvens do misticismo, pois é pregado na Terra que ele construirá as bases da sua humanização. *Crisbal* é um momento de dor para os nihilistas modernos (...). E se as linhas de sua poesia vibram de energia, e se o verso é deslumbrante e despojado é porque PRC não tremeu ainda diante das brumas do tempo que matam a juventude do homem. E se *Crisbal* continuar no gesto enérgico, não tremerá nunca.

M. Aurélio Barcellos  
Correio do Povo, 5/6/66

(...) PRC é um impressionista francês mesclado a um trovador medieval. Parece que ele está cavalgando com uma bandeira de vitória na mão (...). Gosto da vitalidade de sua poesia, do denodo (...).

Walmir Ayala  
2/9/66

(...) O poeta dá toda a ênfase ao canto, para transmitir na íntegra as suas emoções mais fundas de jovem diante da vida – a sua angústia, as suas esperanças, a sua estupefação às vezes.

Waldemar Cavalcanti  
O Jornal, Rio de Janeiro, 23/10/66

PRC, cuja palavra grave foi assemelhada a “uma raiz que fecundasse a terra de auroras e ressurgimentos”(…). Testemunham-no os versos de abertura dum trabalho que bem poderia caber na modalidade épica, portanto impessoal, porque traça um destino heróico, não as vicissitudes de um poeta sonhador. Antecipo a objeção: tudo isso deve ser aplicado, não ao criador da gesta, mas ao seu herói. Tanto melhor, embora eu pressinta uma identificação do criador com a criatura. Há luta em todos os recantos do poema.

Da sua posição de fogo, o lidador adverte: “Olha que nasce a guerra”. Ele se acha entrincheirado num sonho de grandeza e de conquista, o que lhe propicia um terreno ideal, embora ígneo, para um amor que raia com a loucura: “Aqui, ele ama como um homem ama: / A própria loucura”. Por esse lado, constituindo a luta um dos maiores antidotos contra a ansiedade, o poema é alvissareiro. (...)

A inquietação denuncia-se no entre-choque de situações afetivas pragmaticamente opostas, como “fúria e gozo”. A própria obra que o guerreiro-demiurgo empreende tem um tal ou qual caráter teratológico, como reflexo do estado tumultuário do seu espírito (...). Sente-se que na construção mesma há demolição. (...)

Poeta do mérito desse estreante, cuja sensibilidade – e encantamento até! – nos dá versos como estes: “De muito retalhar / o silêncio da terra, / Tanto, / tanto penhasco removi em pós o enigma da posse, / que aprendi a ouvir o inexprimível: / Como a semente baixo ressoa, / logo cresce, / Se agiganta”. Há, pois, fundadas razões para se acreditar nos poemas e prosadores do momento, negando o panorama sombrio que eu vi há uns doze anos atrás e que nada mais era do que, simplesmente, isto: a literatura estava morta em nossa terra. E o grande sinal da terrível verdade era que a mocidade se mantinha calada.

Dyonélio Machado, Variações sobre a Poesia  
Correio do Povo, Porto Alegre, 6/11/66

(...) *Crisbal, o guerreiro*, de PRC. Uma formidável construção poética, cuja linguagem se impõe, um tanto medieval, um tanto minério, um tanto arco-íris, em conjunto com as ilustrações de Stockinger, de uma força terrível. “Crisbal cavava um templo no futuro” – diz um verso de PRC – e outro: “Obra bastarda, suas mãos moldavam orlas / Na brasa quente, e ela refulgia viva e reta”. (...)

J. A. Pio de Almeida  
Correio do Povo, 28/5/78

Quando PRC publicou, em 1966, *Crisbal, o guerreiro*, pelo Instituto Estadual do Livro, público e crítica receberam a obra com entusiasmo. Fugindo aos esquemas tradicionais, o texto revela uma força épica raramente encontrada na poesia

brasileira, constituindo-se o livro de estréia em obra acabada. (...) Retomando temas da obra anterior, (*Estação de força*) impregna aos versos uma força épica que funde, nas metáforas, erotismo e violência. Negando-se a contemplar o mundo, seu canto é coletivo, voz do homem que resiste ao próprio desamparo. Poesia social, é um grito de guerra que se nutre e ampara na esperança.

Lia Masina  
*Estação de força*, Movimento ITEL, 1987

(...) A primeira observação que se faz é que o verso diminuiu seu tamanho. Está mais denso, menos espalhado. A dicção, contudo, continua a mesma, o que é excelente. As preocupações e os temas que chamaram a atenção de todos para a literatura de PRC, vinte anos depois, embora parcialmente datados, na medida em que a história brasileira persiste enquanto um doloroso e irremediável impasse, não perderam a atualidade.

Se em *Crisbal, o guerreiro*, o tom era de indagação e rebeldia, com um pouco de denúncia quase panfletária, agora encontramos o mesmo rebelde, mas mais aprofundado e abrangente em suas perquirições. A denúncia continua, menos panfletária mas muito mais irônica, o que demonstra menor envolvimento emocional e maior distanciamento dos fatos. A revolta persiste, mas ampliou-se a perspectiva que valoriza o humano, que descobre a proximidade e a identidade entre os seres e que, sobretudo, reconhece, na poesia e no fazer do poema, uma espécie de redenção-função do poeta em frente a este mundo menos fluido, mais fragmentado como denota o próprio verso, amplamente marcado pela violência, mas nem por isso, absolutamente desesperançado. O retorno de PRC ao livro é extremamente importante porque amplia, não só em quantidade quanto em qualidade, o número dos artistas do verso que acreditam na arte enquanto identificada com a dor humana.

Antonio Hohlfeldt  
Diário do Sul, 2/7/87

(...) Os poderosos deste mundo lançam mão dos mais diversos pretextos para manter o Homem sob o jugo da servidão, da miséria, da doença, do sofrimento, da ignorância. Cabe ao poeta manter desperta a consciência e compartilhá-la com seus irmãos. Cabe-lhe, com sua intuição visionária, lançar pontes sobre a banalidade cotidiana e arrebatar ao futuro as utopias mais inacreditáveis; e colocá-las diante de olhos cansados, incrédulos, míopes e até mesmo cegos, a fim de que o Homem se sinta motivado a reunir o que lhe resta de força, para tentar mais uma vez o salto, o transcender.

Eduardo Alves da Costa  
*Breviário da insolência*, Massao Ohno, 1990

(...) Carmo é um criador de palavras duras, ásperas, preocupado com o social, convicto de que o verbo é um ato de guerrilha.

“O mal se legitima quando os que padecem não se revoltam”, assegura. A desobediência é fundamental: “Quando tudo se torna insuportável só a

desobediência liberta". Na arte rebela-se: "Pois se o poema / com uma palavra beija / com outra esbofeteia / com uma estocada fere / com outra amanhece, / às vezes mata / às vezes salva / com a direita esfola / com a esquerda consola / por que não há de ser o poema capa-e-espada?"

Herético, PRC acredita que os deuses amam a irreverência, pois "os homens desobedientes são feitos do barro que não se deixa amassar". Pressiona: "O tempo conspira contra os que testemunham calados e não revidam".

Fala, então, poeticamente: "Da disciplina do sangue / herdei a palavra / as desavenças / da disciplina da areia / habitei o deserto / as ventanias / da disciplina da insolência / sobressaltei os outros / o desprezo / da disciplina da humilhação / aprendi a desconformidade / as estranhezas / da disciplina dos loucos / contive o urro / os desejos / da disciplina dos touros / escarvei o chão / a desmedida".

Fazem-se, pois, poetas éticos, implacáveis, severos com a desigualdade, sem desmerecer a forma. "É na resistência que se ama mais intensamente a vida", ensina.

*Juremir Machado da Silva*

Zero Hora, 5/11/1990

(...) Os núcleos com que se mune, na *Estação de força* (1987), constelam-se em rebeldia, motim, cavilação, conjuras, privação, forjadura, viseira, sublevação, batalha. Seus vocábulos são ferrenhos, como o fio da espada desembainhada. Livro de verbos em rotação, todo o texto rumo para a luta sem quartel em lugar nenhum. Ou em todos. A poesia de PRC, em *Breviário da insolência*, perdeu os adornos, para se tornar mais intensa; despojou-se para achar a medida de exatidão e deserto. Adentrou-se, para adensar-se. Ficou substantiva para endurecer o pensamento na luz. E a luz na palavra sonhando. As coisas só podem ser ditas, como o foram pelo poeta, até o cerne. De *Crisbal, o guerreiro* (1966) para *Estação de força* (1987), foi um processo de maturação e quietude. Vinte anos de silêncio os intermeiam. E, agora, este volume editado pela Massao Ohno é a simplicidade da pedra polida na funda de Davi, até o alvo. Como Davi, o poeta não mais se ajusta à armadura e ao escudo. Joga-os fora. São demasiadamente pesados. Não se acoplam mais. Basta-lhe o cajado de peregrino e a funda esticada. Na perícia. O que mais é necessário para a altura da poesia, senão o lance no espaço? Tudo se engatilha, até a dor. Tudo se armazena, até o sonho. O rio atravessa a palavra, e esta, a inteligência das coisas. Qual a técnica do voo? É o voo. A agudeza do arremesso. E a concretude é tanta, que explode o verso com as imagens. (...) PRC suscita, dialogicamente, como pretendia Bakhtin, a imaginação do leitor.

Bate, desperta. E tem a capacidade verbal de "isolar e chamar a atenção para o que já temos em nosso poder" (R. P. Blacman). O que vislumbramos, antes. Na memória (...) Eis a força, a fúria do que resiste. Pois, não há separação diante da poesia. É sobretudo esta – obstinada, crítica, consignadora, vergada de trabalhos, esperançosa, livre. E que nos reconcilia com o tempo.

*Carlos Nejar*

*Breviário da insolência*, Massao Ohno, 1990

Andei lendo e relendo – em sessões descontínuas, depois de uma contínua – seu *Breviário da insolência*. A força de Crisbal perdura, mas você cresceu, na construção, na capsularidade, no epigramático. Está algo me dizendo que sua economia verbal é usina de qualidade – associada a algo que não é freqüente, a luminosidade. A coragem de não abdicar de uma convicção – a de que, como homens, sejamos deuses ou sejamos nada, nada somos se não reivindicamos para todos o que queremos para um só que seja de nós – faz de sua poesia algo eterno, indo às fontes, pois nas fontes até o lírico é social. Nisto que me resta de vida, é uma alegria – grave, mas alegre – ler o que sai da alma de homens como você. Se o quadro humano é torpe, não é por causa de homens como você. Poeta, prossiga – rogo-lhe!

*Antônio Houaiss*

23/2/91

(...) Insolência de quem contra quem? A insolência para acontecer, requer sujeito e objeto. O objeto comparece meridianamente definitivo já nas primeiras páginas. O agredido é o homem: o seu brio, o seu desejo de lucro, a sua vontade de oprimir. *Breviário da insolência* é um livro contra o culto do homem ao homem. Contra um certo humanismo, que, na inoportuna exaltação do homem, aplaude as excrescências, os adereços, do ídolo cultuado. (...)

A poesia, lucidamente preocupada em depurar a palavra, em reconduzi-la à origem, em surpreender o novo, leva o poeta a refletir sobre os seus instrumentos verbais. Nas veredas da poesia, PRC descobre o meio de o homem conquistar e reconquistar a dignidade, sem negar o corte da humanação. A palavra livre, insubmissa, inventiva, depurada. Obediente à epígrafe: "tornar-se humano é uma arte", o poeta faz da arte um instrumento de humanação. (...)

PRC compreende a vida como um processo em que aquilo que é nasce do seu contrário, dialética em que a poesia realiza a sua tarefa de renovação. *Breviário* é uma palavra que lembra prática religiosa, embora na poesia de PRC o *breviário* é, sem transcendência, compromisso firmado com o aqui e agora, na sua emergência, na sua riqueza e pobreza. A lucidez do sujeito brota de dentro do que acontece. A espada se afia, na refrega. A vida renasce na escória em que se desgasta.

*Donald Schuler*

Rádio da Universidade, 20/3/91